

GLOBALIZAÇÃO E CULTURAS HÍBRIDAS: SUBJETIVIDADE NA REDE

Por Marcos Torres

RESUMO: Com a propagação da internet e o uso das redes sociais, é possível apresentar algumas hipóteses para uma nova configuração de sujeito e dos seus modos de pensar, agir, criticar e opinar. A partir de qual perspectiva podemos avaliar o entendimento do que consideramos *consumidores e cidadãos*? E como pensar os comportamentos de internautas que em nome da afirmação de sua condição de cidadão e sujeito crítico parecem cada vez mais propagar opiniões e discursos homogêneos que muitas vezes apontam para o apagamento das identidades? Partindo do conceito de *culturas híbridas* de Néstor García Canclini, este ensaio buscará apresentar o movimento do sujeito na cultura permeado por *hibridizações e heterogeneidade cultural* a partir da ideia de *modernidade tardia*, trazendo um recorte sobre a comunicação em rede diante de um mundo globalizado e hiperconectado. Tomando como base a leitura do livro **Reprodução** de Bernardo Carvalho, nossa intenção é apresentar fragmentos do texto de Carvalho, na voz da personagem principal, um estudante de chinês, sugerindo a hipótese de que, segundo o autor, o estudante de chinês é a representação de um tipo de discurso que está estreitamente vinculado à internet, à sensação de visibilidade absoluta e à perda da privacidade, onde tudo é mostrado e nada é mostrado, tudo é dito e nada é dito. E com isso talvez aponte para um discurso contraditório.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Hibridação. Identidade

Há duas questões que considero importantes e cruciais tanto para a argumentação e os desdobramentos deste ensaio como também para apresentar os diferentes modos discursivos engendrados pelos diversos usuários da internet e sua subjetividade na rede; são também modos discursivos inseridos no discurso ficcional igualmente atravessado por diferentes estratégias discursivas, conforme nossa aposta em uma leitura crítica de alguns fragmentos do texto do livro **Reprodução**, embora seja aqui apresentado de forma breve devido ao curto espaço de tempo para sua exposição; é o que gostaríamos aqui de colocar em debate, isto é, a noção de comunidade e o modo como ela aparece em diferentes redes sociais como o facebook e também em alguns livros da ficção brasileira contemporânea, aqui mais especificamente trabalharemos com o livro **Reprodução** de Bernardo Carvalho publicado em 2013.

Não posso deixar de considerar que a contradição é também a maneira pela qual muitas identidades são constituídas. Também considero importante salientar que muitas identidades são constituídas no ambiente da internet e talvez aí seja o único lugar onde algumas dessas identidades conseguem ter voz e alimentar certa ideia de comunidade e rede social de comunicação, com trocas de imagens e ideias em meio aos diferentes intercâmbios sociais e culturais.

No livro, o narrador é um sujeito que segue para o aeroporto, mas, ao chegar, é preso na área de embarque; o enredo trata de um trabalhador do mercado financeiro, um

estudante de chinês, que perdeu o emprego, perdeu a mulher, e, a partir de um discurso paranoico, acredita que a China será a nova dona do poder global. O texto traz a sensação de ser uma sequência de três monólogos sem um interlocutor, mas na verdade trata-se de um diálogo com um delegado que nunca aparece na história, não há descrição detalhada nem de aspectos físicos, nem psicológicos da personagem. Segundo Carvalho, esse delegado representa certa opacidade e o contrário do mundo da visibilidade absoluta, onde tudo é dito e tudo é mostrado no mundo em que vivemos hoje, e para o qual a gente cada vez mais vai se encaminhando. Por outro lado, o personagem sem nome e que fala quase sem parar é o representante desse fascismo disfarçado de outro tipo de discurso e com isso difícil de ser combatido.

Bernardo Carvalho faz duras críticas à proliferação daquilo que vemos hoje na internet como um discurso cada vez mais racista, homofóbico, fascista e reacionário, por trás do discurso de uma falsa democracia, liberdade irrestrita e sensação de visibilidade absoluta.

A leitura crítica do livro **Reprodução** e a observação de algumas posições críticas do escritor Bernardo Carvalho na entrevista para Globonew Literatura foram as grandes motivadoras para a realização deste ensaio, cujo início já se apresentava num resumo publicado no blog *Leituras Contemporâneas*, um blog do nosso grupo de pesquisa, que tem como objetivo marcar os passos de toda nossa trajetória de investigação e pesquisa.

Na entrevista, o autor diz nunca ter gostado de a literatura estar atrelada à política, mas, como afirma que o contexto atual pode ser caracterizado como o de um novo fascismo, Carvalho defende um livro mais político. Diante de um mundo confuso em que, segundo o autor, não sabemos direito onde mora o perigo, a justificativa para um livro mais político está na proliferação, principalmente pela internet, de um discurso dissimulado e carregado de fascismo, racismo, antissemitismo, anti-arabismo etc.

Para Carvalho, o estudante de chinês é a representação desse tipo de discurso que está estreitamente vinculado à internet, à sensação de visibilidade absoluta e à perda da privacidade, onde tudo é mostrado e nada é mostrado, tudo é dito e nada é dito e, portanto, um discurso contraditório. E, como está no próprio título do livro, tudo não passa de uma mera *reprodução*. (Torres, *Leituras Contemporâneas*, março de 2014).

Para Carvalho a internet, que, aparentemente, alardeia a liberdade e a democracia, desconstruindo hierarquias, propiciou, na verdade, o fim da democracia e com ela o

fim da privacidade e da vida privada, propalando um sistema de controle absoluto, de pura publicidade.

Qual é o problema? Não vai me dizer que o senhor é dos que acham que a internet é uma entidade do mal controlada pelas grandes corporações de mídia para acabar com a vida privada! (CARVALHO, 2013, p.19)

A interpelação feita pela personagem mostra certa crítica em relação ao que se tem dito sobre a internet como algo ruim e controlada por grandes corporações com uma visão apocalíptica de que ela pode definitivamente acabar com a vida privada das pessoas. Ainda que uma afirmação como essa tenha certo fundo de verdade, a internet não se resume apenas a essa visão apocalíptica. Ao contrário, estas mesmas redes sociais de comunicação também foram e são importantes e trouxeram grandes transformações para o modo de pensar e agir dos sujeitos e suas manifestações e mobilizações sociais e culturais numa esfera cada vez mais global. E isso também deve ser considerado. O que parece estar em jogo aqui é o que Carvalho vê como fascismo. Retomaremos a este assunto um pouco mais adiante.

Para essa construção identitária com a sensação de liberdade e visibilidade absoluta, Martín-Barbero escreve duras críticas sobre este assunto; para o filósofo espanhol radicado na Colômbia, essa sensação de liberdade e visibilidade absoluta na internet não passam de utopias, por trás de um discurso em que afirma que já não precisamos mais ser representados, pois a democracia é de todos e todos nós somos iguais. Para Martín-Barbero, trata-se de um falso discurso de igualdade e portanto uma mentira. Pois, segundo o autor, nunca fomos nem seremos iguais e, portanto, essa sensação de democracia e igualdade total na internet é falsa. Martín-Barbero afirma que somos mediados pelas diferentes dimensões representativas da vida e da cultura e assim “precisamos de partidos políticos, associações de pais e escolas” e muitas outras comunidades sociais que nos representam de uma forma ou de outra. (*Comunidades falsificadas*, Folha de São Paulo, agosto de 2009, p.2).

Para Martín-Barbero, comunidades e redes sociais são algumas palavras ainda difíceis de serem nomeadas, talvez seja o fato de uma incipiência teórico-conceitual no uso dos termos; as primeiras perguntas que devem ser respondidas segundo o filósofo espanhol são: o que significa redes sociais, quando vemos apenas “uma rede de muita gente, não necessariamente em sociedade”? Para este último termo, de acordo com Martín-Barbero, parece implicar outra linha de atenção e pensamento; a segunda pergunta está relacionada ao que significa *Comunidade* no nosso entendimento hoje e no mundo

globalizado em que vivemos? São questões radicais que precisam ser debatidas e colocadas em xeque, ao mesmo tempo em que parece necessário evidenciar suas perspectivas para o debate teórico em que esses termos se apresentam para nossa reflexão e intervenção.

Os processos de globalização muito contribuíram para essas novas configurações de sujeitos dentro de redes sociais de comunicação e suas subjetividades narrativas. Por globalização trago algumas reflexões de Canclini, quando este escreve apontando uma entre três diferenças para os processos de globalização, em especial no contexto do ciberespaço; uma dessas significativas diferenças, para Canclini, está atrelada a “interatividade na internet” a partir de um processo de “desterritorialização”. (CANCLINI, 2008, p. 52).

E talvez aí resida o perigo, como dito linhas acima, com a facilidade que tem os internautas para a socialização de conteúdos “a partir de posições indefinidas, inclusive simuladas, inventado identidades” (2008, p. 52). Ao mesmo tempo em que essas interações e construções identitárias possibilitam importantes experiências intercambiáveis também disseminam discursos racistas e preconceituosos, muitas vezes a partir de uma postura acrítica, tudo isso talvez por uma sensação de liberdade e por não correr o risco de desmascaramento e denúncia de posturas muitas vezes agressivas, porque se trata de um ambiente que possibilita uma certa “desconexão social”, onde tudo parece permitido, com liberdade, longe dos olhos alheios, onde é preferível “ficar na frente da tela do que relacionar-se com interlocutores em lugares fisicamente localizados”. (CANCLINI, 2008, p. 52)

Outro ponto importante neste cenário de comunicação globalizada são também as novas formas de sociabilidade, ou, no termos de Canclini, de “tecnosociabilidade”, que vem mostrando cada vez mais como os recursos de comunicação em aparelhos sem fio como os celulares não são apenas ferramentas para certa conectividade, mas também ‘contextos, condições ambientais que tornam possíveis novas maneiras de ser, novas cadeias de valores e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais’ (Castells e outros, 2007: 226 apud CANCLINI, 2008, p.53).

O que vemos na literatura de Bernardo Carvalho não é um discurso meramente panfletário, mas, como dito, potência inventiva e um simulacro e uma crítica por vezes ácida, para reflexão de uma sociedade em que a vida pública e privada é um produto para alimentar a cultura midiática e os meios de comunicação de massa; não como aquela “sociedade do espetáculo” nos termos de Guy Debord, que tinha o produto para um

consumo irrefreável e como mero fetiche, mas um modo de narrar e uma construção narrativa para apresentar o espetáculo das narrativas da intimidade que entram aí como produto cultural e social e ao mesmo tempo alimentam o desejo dos espectadores de saber todos os meandros da vida privada de suas personagens midiaticizadas no interior de culturas massificadas, às vezes de forma contraditória e com uma consciência acrítica. *Se a gente pudesse também acabava com a privacidade pra combater o terrorismo; também se aliava com Arábia Saudita, Bahrein e o escambau; também defendia tortura fora de nossas fronteiras, em nome da democracia.* (CARVALHO, 2013, p. 18)

Aqui fica claro o que Carvalho vem o tempo todo criticando, especialmente na entrevista concedida a Globonew Literatura. Ou seja, uma falsa ideia de democracia propagada na rede quando na verdade se propaga a proliferação de preconceitos que subvertem a própria ideia de democracia, inclusive com a defesa de uma ideia de democracia em troca de uma violência por meio de tortura e a promoção da perda e do fim da privacidade substituindo-a pelo combate a um suposto terrorismo, conforme expressa nas palavras do estudante de chinês.

Outro ponto aqui para se pensar é como muitos usuários se sentem importantes por ter uma página no facebook, um blog e a sensação de liberdade e visibilidade absoluta para disseminar suas opiniões em meio a muitos seguidores, onde, também, alimenta até mesmo a ideia de presença como um espectro nas redes sociais como o facebook, pairando como uma espécie de fantasma. *Eu sempre escrevo para sessão de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no facebook. Tenho muita opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Não quer? Tenho milhares de amigos e seguidores.* E numa insistência por aceitação e com um discurso cada vez mais dissimulado ele vai construindo sua narrativa em meio a uma avalanche de contradições. *Mais um, menos um, tanto faz. Mas vou dar minha opinião assim mesmo. É meu direito de cidadão. Estamos numa democracia. Ou não estamos?*

O estudante de chinês continua apresentando todo o seu repertório de opiniões preconceituosas e contraditórias a partir de generalizações e de posições estapafúrdias e grotescas:

Violão? Não que eu saiba. Na Igreja? Nunca vi chinês tocando violão. Mas deve ter, claro, deve ter. Igreja sempre tem violão. Não vou generalizar e dizer que chinês não toca violão, só porque nunca vi chinês tocando violão. Aí, sim, seria racismo. Aí, preconceito. E daí vem o preconceito. Gente falando do que não conhece. O racismo é uma merda. Como a inveja, né? Eu? Não. Nunca. Não sou racista nem preconceituoso. Só não gosto do que é errado. (...) Não tenho preconceito *nem* contra preto, quanto mais contra judeus, que em geral é branco. (CARVALHO, 2013, p.39 o itálico é nosso)

(...) E os meninos de trancinha igual aos pais? Como é que deixam? Isso é exemplo pra juventude? Depois o mundo fica cheio de gay e ninguém sabe por quê. (CARVALHO, 2013, p.39-40)

Ao lermos o fragmento acima fica evidente um discurso majoritariamente masculino, branco, heterossexual e machista, e não menos homofóbico, xenofóbico, racista e principalmente fascista em prol de uma falsa democracia.

Logo no início do fragmento o que podemos observar por meio da fala da personagem é um discurso xenofóbico na sua versão mais machista e intolerante contra a religião. Um discurso carregado de xenofobia e contradição –, *Nunca vi um chinês tocando violão. Mas deve ter, claro, deve ter. (...) Não vou generalizar e dizer que chinês não toca violão, só porque nunca vi chinês tocando violão* (CARVALHO, 2013, p. 39).

A contradição continua reverberando na fala do estudante de chinês, ao dizer: *Não sou racista nem preconceituoso. Não tenho preconceito **nem** contra preto, quanto mais contra judeus, que em geral é branco.* (CARVALHO, 2013, p. 39 o negrito é nosso).

Num tom cada vez mais preconceituoso, homofóbico e racista ele continua revelando suas opiniões sobre o comportamento dos outros, o modo de agir e vestir, como fazem as sociedades de controle para o disciplinamento e dilaceramento dos corpos. (...) *E os meninos de trancinha igual aos pais? Como é que deixam? Isso é exemplo pra juventude? Depois o mundo fica cheio de gay e ninguém sabe por quê.* (CARVALHO, 2013, p.39-40)

A ideia de que vivemos numa verdadeira democracia e liberdade absoluta é falsa. O mesmo é válido para dizer que somos livres para falar o que queremos e pensamos sobre os outros, mesmo não os conhecendo nem sabendo o mínimo sobre suas vidas. O fato é que não podemos tudo. Afinal, somos constantemente controlados, regulados e representados por instituições culturais, sociais e políticas, conforme afirma Martín-Barbero. Já Carvalho está mais preocupado em criticar e questionar a concepção de democracia em que está sendo veiculada na internet, onde tudo parece permitido para se dizer qualquer coisa indistintamente em qualquer lugar, desconsiderando outras construções identitárias, outros sujeitos e suas subjetividades.

Aqui entra a ideia de fascismo a qual Carvalho crítica ferozmente. Há no fragmento acima inúmeras questões a serem debatidas, entretanto não irei me ocupar de todas elas nem as tomarei como base para maiores análises, vou me deter apenas ao que

Bernardo Carvalho chama de fascismo conforme expressou em sua entrevista para a Globonew Literatura.

Por fascismo Carvalho entende como aquele discurso onde tudo pode ser dito e mostrado, a qualquer hora e em qualquer lugar sem respeitar o direito e as opiniões alheias em nome de um discurso falsamente democrático.

E na acepção da palavra no seu sentido mais restrito também pode ser entendida como a ideia do próprio fascismo tal como aquele que se originou e teve maior proeminência e destaque na Europa no início do século XX, mais especificamente na Itália de Mussolini, por volta de 23 de março de 1919. Naquele contexto o fascismo era entendido como uma forma de radicalismo político autoritário nacionalista. Uma palavra que vinha sendo utilizada para uma política com tendências autoritárias que iam além do direito e da moral, frequentemente atrelada a forças revolucionárias, com um fascismo em muitos momentos caracterizado por uma reação contrária aos movimentos democráticos surgido no cerne da Revolução Francesa e em oposição às concepções socialistas e liberais dentro de um estado totalitário.

Atualmente o novo fascismo parece ser apresentado numa versão mais “camuflada” em redes sociais de comunicação como o facebook e Twitter, aqui por nós analisados a partir de fragmentos do livro **Reprodução** de Bernardo Carvalho.

Como havia dito logo no início deste texto, volto a ratificar, não quero aqui apresentar um discurso meramente maniqueísta, ao contrário, o objetivo deste ensaio é tentar apontar algumas contradições e importância em que as redes sociais de comunicação colocam questões radicais para nossa reflexão, no sentido de pensar sobre as novas configurações dos sujeitos inseridos na cultura a partir de diferentes processos de subjetivação, onde o popular e o massivo têm um papel decisivo no mundo em que vivemos e no interior de culturas híbridas.

É certo que ao mesmo tempo em que a internet, como qualquer outro meio de comunicação de massa e mediações culturais, tem lá seus pontos positivos também traz situações muito negativas.

Assim, de forma propositiva deixo aqui outras reflexões. Se é verdade que a internet proporcionou discursos fascistas e racistas por trás de uma falsa democracia, também é verdade que a internet é um dos espaços onde prolifera, mescla e acontece em grande medida o entrelaçamento entre o culto e o popular, em especial, como é o caso de nossa análise aqui, em redes sociais de comunicação como o facebook e twitter. A outra coisa é que a internet trouxe grandes transformações para o nosso modo de pensar

e agir diante do mundo e das relações sociais e culturais cada vez mais globalizadas e para as quais somos cada vez mais absorvidos; outro fato importante é o uso da internet para aperfeiçoar a apreensão do conhecimento através da busca por meio de hiperlinks e também as inúmeras estratégias de escrita que são utilizadas dentro das narrativas eletrônicas possibilitados pelos diversos sistemas digitais entre as diferentes redes comunicacionais.

Culturas híbridas podem ser entendidas como o entrelaçamento entre o culto e o popular sendo estes atravessados por diferentes sujeitos em diferentes instâncias discursivas e nos múltiplos processos de subjetivação, seja em redes sociais de comunicação, na literatura de um modo geral e em outras atividades artísticas e culturais no bojo da cultura, onde a linguagem cada vez mais aparece de forma “descontínua, acelerada e paródica” e com sua dicção, entre muitas outras, de teor político, como ocorre nos sons do hip hop e do afrobeat, que embalam os grafiteiros e suas paredes multicores, nas colagens literárias em diversos suportes e formatos, nas múltiplas experiências artísticas entre poesia, música, quadrinho, artes plásticas e visuais, pintura e na literatura no sentido amplo do termo, entre tantas outras expressões e performances, para com sua “fecundidade” desestabilizar “ordens habituais e deixar que emergjam rupturas e justaposições”, e talvez para com isso, segundo Canclini, “culminar em um discurso interessado no saber e em outro tipo de organização dos dados”. (2008, p. 284)

Referência:

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Culturas Híbridas, poderes oblíquos*. In: **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2013. p.284-350

_____. Entrevista com Néstor García Canclini. In: *Cultura sem fronteiras*. Reynaldo Damazio, com participação de Diana Araujo Pereira. Caderno de Leitura, EDUSP.

Disponível em: http://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp

Acesso em: 30 de outubro de 2014-11-28

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Bernardo Carvalho para a Globonew Literatura*. In: *Marcos Torres, Reprodução – Bernardo Carvalho*, texto publicado no Blog Leituras Contemporâneas, março de 2014. Disponível em: <http://leiturascontemporaneas.org/2014/03/15/reproducao-bernardo-carvalho/>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JESÚS MARTÍN-BARBERO. *Comunidades falsificadas*. Texto publicado na página Folha de São Paulo Online, 23 de agosto de 2009.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2308200914.htm>

Acesso em: 30 de outubro de 2014.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.54-63

Significado de Fascismo. Disponível em: <http://www.significados.com.br/fascismo/>
Acesso em: 06.12.2014

Fascismo. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fascismo>. Acesso em: 06.12.2014